

ENSINO MUSICAL NAS PERIFERIAS

Aluna: Julia C. Zylbersztajn
Orientadora: Santuza Cambraia Naves

Introdução

O intuito desta pesquisa sobre o ensino de música nas periferias é, além de conhecer os diversos planos que fundamentam esse tipo de prática pedagógica no estado do Rio de Janeiro, acompanhar o desenvolvimento dessas experiências em algumas localidades onde ela é aplicada. Iniciamos o trabalho em janeiro de 2010 com um mapeamento preliminar de regiões onde esse projeto é adotado. Em seguida, fizemos prospecção de fontes e textos em geral que tratam do tema relativo aos programas de democratização da cultura. A bibliografia escolhida consiste principalmente de trabalhos acadêmicos (livros, artigos, teses e entrevistas). A pesquisa inicial contou também com informações obtidas via internet.

Desenvolvimento da pesquisa

Realizamos a primeira entrevista da série com a antropóloga Regina Novaes, em 22 de julho de 2010. Além de inserida na academia por vários anos (IFCS, UFRJ) como cientista social que pesquisa a temática dos movimentos sociais e culturais, Regina tem atuado em várias frentes na vida pública, tanto em ONGs como o ISER e o Viva Rio quanto em órgãos públicos, como a Secretaria de Juventude do primeiro Governo Lula.

Regina enfatizou as mudanças políticas ocorridas nas instituições não governamentais e agências estatais a partir da década de 1990, quando as ONGs começaram a privilegiar a esfera cultural. Naqueles anos de recessão econômica, era como se o cultural fosse uma espécie de saída para a grande questão que se colocava: a reforma que estava acontecendo naqueles anos no sentido de aumentar a inclusão social. Havia basicamente um grupo social que estava mais excluído que os outros, que era justamente o grupo dos jovens e adolescentes, razão pela qual houve um *boom* de projetos sociais voltados para esses segmentos.

Em 2 de setembro de 2010 entrevistamos o antropólogo Gilberto Velho, pelo fato de ele ter a sua trajetória intelectual marcada pelos estudos na área de Antropologia Urbana. Velho afirma nessa entrevista que o movimento de intervenção cultural de ONGs, institutos, agências estatais e outras instituições de periferias das grandes cidades brasileiras é muito variado, sendo portanto difícil caracterizar como um movimento homogêneo. Velho chama a atenção para a diversidade também existente nos chamados mundos periféricos, como é o caso da Baixada Fluminense, em que vários mundos se cruzam e se misturam o tempo todo, havendo visivelmente um trânsito entre diversos segmentos sociais. Velho então afirma que é necessário entender que a divisão entre a tradição erudita e as raízes populares “não significa necessariamente uma descontinuidade abrupta, radical, profunda e intransponível”, na medida em que é possível “encontrar um menino de favela tocando Mozart no violino e uma menina dançando balé clássico”.

A pesquisa etnográfica, que teve início em dezembro de 2010, se concentrou, neste primeiro momento, no comunidade de Santa Marta, em Botafogo, onde foi implantado o ensino musical pela ONG Ação Social Pela Música do Brasil após a instalação da UPP. De acordo com as informações recolhidas, as aulas são ministradas três vezes por semana na sede da Unidade de Polícia Pacificadora da comunidade. O primeiro contato com a ONG foi através do coordenador do projeto, Julio Camargo, que falou sobre as dificuldades iniciais na

implementação do projeto, devido ao fato de compartilharem o mesmo espaço de trabalho com a polícia, havendo, portanto, estranhamento e resistência por parte da comunidade.

A ONG Ação Social pela Música do Brasil existe há apenas dois anos, mas é embasada em experiências anteriores e bem sucedidas de ensino de música erudita em outros países da América Latina. O trabalho se dá em duas vertentes: ações culturais e sócio-educacionais. Atualmente, o projeto — patrocinado principalmente pelo Instituto Embratel e pela Brookfield Energia Renovável — atende por volta de 100 crianças e adolescentes, entre seis e dezessete anos, da própria comunidade e de outras áreas em que já foram instaladas UPPs, como o morro do Cantagalo, em Ipanema, o da Babilônia, no Leme, e o Pavão-Pavãozinho, em Copacabana. Segundo Julio, o intuito é utilizar a música como agente educador, ao mesmo tempo em que visam democratizar e ampliar o conhecimento e deselitizar a música erudita e os instrumentos utilizados.

Temos dado continuidade à pesquisa etnográfica na Santa Marta, fazendo contatos com coordenadores, professores e funcionários da Ação Social pela Música do Brasil, assim como temos assistido as lições musicais e os ensaios para a apresentação da orquestra local. Quando concluirmos a pesquisa na Santa Marta, partiremos para outras localidades contempladas pelo projeto Ação Social pela Música do Brasil.